

A matéria da interpretação

Sandra Lorenzon Schaffa

Este texto, comentando a supervisão relatada no texto anterior, focaliza em especial o problema da condição temporal da interpretação em relação à atividade de fantasia na qual ela se enraíza.

*“Un divan et un fauteil. Jean-Marc, petit garçon, demande quel est mon métier et pourquoi ‘les grandes personnes sont couchées pour parler’. Sur l’hésitation d’une réponse, il dit lui-même ce qu’il en est: ‘Ah oui, quand on est couché et on suce son pouce, on connaît mieux ses vies’.”*¹

PIERRE FÉDIDA

— Tenho uma questão a respeito desse paciente que é: ele não tolera o silêncio, ele precisa de uma palavra.
 — É você que não tolera o silêncio?
 — Sinto que ele não tolera o meu silêncio.
 — Ele não tolera? Não, ele não tolera. E você? Você tolera o seu silêncio?²

Tomar a experiência de uma supervisão onde, mais do que a uma compreensão do caso, somos levados ao *estado de teoria* em criação que marcava a presença de Pierre Fédida. O acolhimento nesse *interlocutor-íntimo* da dificuldade da

analista em entregar-se mais intensamente à condição regressiva da escuta transferencial e o recuo temporal em relação àquele momento deram-me a possibilidade da perlaboração. Repensar o caso, a partir das marcas das palavras da supervisão conservadas em contato com as minhas resistências, por meio dos escritos de Fédida, procurando colher neles apenas o *ritmo* de constante renovação de seu dizer por escrito, dizer com mãos de escritor que nunca esconderam a dificuldade de manter um *pensamento em vigília*, pensamento fundado no constante trabalho contra apropriações doutrinárias³.

Sensível à grande ansiedade da analista diante do caso: os riscos de psicotização, a agitação e o entorpecimento depressivo nessa frágil organização psíquica – “a matéria viva é frágil” – revestida de truculência beirando mesmo a caricatura, Fédida dirige-se à dificulda-

Sandra Lorenzon Schaffa é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Onde começa a interpretação?
No estranhamento,
na desorientação
da capacidade
de identificação
aos estados
psíquicos vividos
pelo paciente
na sessão.

de de sustentação da situação analítica: à ineficácia de contenção encontrada pelas minhas palavras oferecidas ao paciente: “O ‘gorila’ defende você então, defende o Rinho.” (...) “O gorila às vezes não te protege disso que você sentiu quando não me encontrou, fazendo pensar que eu tinha morrido”. E reconhece, aquém delas, à raiz delas, sua *modalidade de comunicação subterrânea*⁴, na condição da analista “de trazer pela presença certas garantias de apaziguamento, onde a vida psíquica poderia começar”.

Onde começa a interpretação? No estranhamento, na desorientação da capacidade de identificação aos estados psíquicos vividos pelo paciente na sessão, nesse estado de *não comunicação* e *não compreensão* vividos pela analista, no estranhamento do psíquico do outro, caberia dizer, instaura-se a situação analítica. “No máximo e sobretudo no mais intenso do estranhamento do outro, tra-

ta-se de construir um espaço para um *encontro*”⁵, escreveu.

Na última conferência que nos fez em São Paulo sobre “A psicoterapia na psicanálise hoje”⁶, situou o analista em sua condição de escuta lembrando que, para Lacan, em 1954, o reconhecimento dos estados regressivos que a transferência põe em jogo no tratamento dependem “da desistência e do estilhecimento do eu do analista”⁷. Sobre a necessidade de reconhecimento desse arcaísmo onde o analista pode reencontrar sua fonte de imaginação na linguagem, disse: “Se eu invoco esse sonho da injeção feita em Irma como protótipo do sonho do analista, é que podemos, com efeito, nos perguntar se não é esse sonho de que precisamos no tratamento com cada um de nossos pacientes”⁸.

Contemplar a estrutura anacrônica do sintoma exige uma *visão* dotada de *legibilidade* exatamente como teríamos de um fóssil, assim

nos mostra no trabalho sobre “A regressão”⁹. “Não são verdadeiramente fantasias sexuais”, reconhece ao ouvir a minha exposição do caso. Coloca-me assim diante da exigência de que minha escuta-leitura se forme sob uma modalidade temporal em *escala geológica*. Empréstimo sua *visão pré-histórica*, facultando o reconhecimento dessa *formação fóssil-pornográfica* em que se conserva inscrita a *matéria frágil* – infantil – que à análise cabe restituir à vida. E essa restituição do infantil à vida, à fala, questiona a dimensão temporal – “em que tempo” – de elaboração da fala analítica: “Tenho a impressão de que mais tarde é que essas coisas vão poder chegar às palavras e ser ditas ao paciente”. Essa perspectiva envolve o tempo do degelo das sedimentações glaciárias da fala imobilizada sob o terror na transferência. Mas é preciso que a analista “abandone os seus próprios esquemas familiares de representação e que se deixe desfazer pela angústia do encontro”¹⁰.

Seu livro *Par où commence le corps humain (Por onde começa o corpo humano)* é uma crítica aos modelos de comunicação intersubjetiva assumidos hoje pela psicanálise, que leva Fédida a uma recuperação da noção de *regressão* pertinente à teoria freudiana do inconsciente. Analisa os efeitos de substituição, para a psicanálise, sofridos pela palavra “matéria” (*matériau*) para dizer o clínico. Encontra nessa substituição os efeitos de “uma *operação de redução de matéria em proveito do material*”¹¹ que testemunha o enfraquecimento da capacidade de criação da teoria diante da riqueza do sintoma. Lembra que Freud usava a primeira expressão em sua correspondência referindo-se à *matéria-prima* de suas observações. Escreve Fédida: “A matéria¹² – *materia* – que o termo alemão *Stoff* permite bem entender como substância constitutiva (...) é originalmente “madeira de construção” e portanto, literalmente, a *madeira que é o*

material de construção. Ora, toda comunicação analítica não restitui a matéria enquanto ela não vier a dar testemunho da regressão transferencial do paciente *em estreita relação* com os conteúdos da vida psíquica do analista e a possibilidade de ele entrar em contato com eles”¹³.

Descobrimos na supervisão a incidência da atenção de Fédida sobre a região do relato onde emerge o estranhamento obscuramente testemunhado pela fala da analista. A atividade teorizante, interpretativa, começa aí, mostra-nos, saída do estado crítico, contratransferencial, aquém do sentido, na hesitação onde a fala da analista *transporta* a *matéria* do caso. Diz: “O que ela sente, penso, é: o que ela não sabe interpretar. E porque ela não sabe interpretar, ela pode sentir algumas coisas que se passam nesta sessão”. O pronome em “o que ela não sabe interpretar” não seria então o demonstrativo da ordem do fundamento, da substância formadora da fala analítica, da matéria da qual se pode construir a teoria do caso? Essa matéria *informe* – ranho? – deve ser tomada em sua *significância*, aquém do sentido, como insiste Fédida: “Nós acreditamos que, porque somos analistas, temos que dar um sentido, devemos interpretar e portanto dar o sentido. Eu acho que se está aquém disso, a gente não tem o sentido. Por que seríamos nós mesmos submetidos ao terrorismo da interpretação?”

“*A transferência é selvagem*”, disse certa vez. Abordá-la exige o abandono de representações humanizadoras¹⁴, assim como dos esquemas teóricos que levariam a tratá-la psicologicamente. Fédida insiste nisso na supervisão: “Nós partimos geralmente da idéia de que o paciente vai descobrir na sua vida psíquica os traumatismos, os conflitos, não sei o que mais, mas é preciso sermos mais modestos, mais simples, para perceber que muitos de nossos pacientes, sobretudo quando têm uma espécie de

A dificuldade
da analista
encontra, na
situação da
supervisão, um
abrigo antiterror
à sua pressa teórica:
isto ocorre por
meio de
sensibilidade
despertada
para as *formações*
originárias da palavra.

fortaleza corporal, estão extremamente angustiados de sentir neles a vida, como se sentir a vida, sentir não só a vida física, mas sentir a vida do psíquico, fosse estar ameaçado pela morte e pela loucura”. Lembra: “De certo modo, a psicanálise é esse convite para o paciente ter processos psíquicos na sessão, e quando esses processos psíquicos se manifestam eles são tão intensos porque são de natureza alucinatória, tão intensos que nós, analistas, podemos ter dificuldade de suportá-los. É paradoxal, mas é assim mesmo”.

A dificuldade da analista encontra na situação da supervisão abrigo antiterror à sua pressa teórica na sensibilidade despertada *às formações originárias* da palavra. O trabalho com Fédida se dá pela abertura ao rio subterrâneo de não-sentidos, favorável ao engendramento da palavra na análise. A ética que move esse pensamento é própria a formar a

matéria e o tempo da interpretação num retorno regressivo às formas anamórficas da transferência, ao colocar a analista sob o regime de uma *tópica temporal paradoxal* instaurada para dar lugar ao caso. Sua lógica¹⁵ é a dessa idéia paradoxal: “Por mais escandalosa que seja essa afirmação face à objeção pragmática, é preciso aqui sustentar que *nada acontece numa psicanálise*”¹⁶.

O impasse vivido por mim no atendimento interessa a Fédida como lugar contratransferencial de crise. Digo: “Não parece fazer sentido dizer coisa alguma, tudo o que eu tento dizer se dilui”. E gostaria de deter-me aqui neste momento em que a intervenção do supervisor conduz ao traspasse metapsicológico da contratransferência, em outras palavras, e numa alusão a Laplanche, à *transcendência da contratransferência*¹⁷. Não é hora de estender-me aqui em toda a fecundidade que a problematização

do conceito de contratransferência conheceu na obra de Fédida, mas de tomá-la no seu estado operante. Fédida, sensível ao meu embaraço, diz: “Compreendo perfeitamente que Sandra diga: ‘eu não tenho muita vontade de tocar nessa figura de pai que ela encarna’”, mas avança em direção à região crítica, e ao ponto de *desmoronamento* das representações que emprestavam contornos familiares à cena da transferência: “Muito interessante, ao mesmo tempo difícil para Sandra, é ser ao mesmo tempo aquela que recebe toda essa pornografia de *grand guignol* – mas que é ao mesmo tempo uma pornografia; é preciso acreditar que esse senhor tem um órgão sexual, ele diz que ele se serviu desse órgão sexual, talvez, não sei, é preciso acreditar; ele tenta ler sensações, alguma coisa sobre o corpo da analista, não necessariamente emoções eróticas, mas são emoções – e, ao mesmo tempo, garantir a integridade do pai”.

O diálogo fortemente analítico que destaquei na epígrafe, momento de *análise de supervisão*¹⁸, cria, a partir do questionamento insistente de Fédida, lugar para o *medo do desmoronamento* nas resistências da analista. Mostrou Winnicott que o *medo do desmoronamento*¹⁹ pode ser o medo de um acontecimento passado cuja experiência ainda não foi vivida. Sobre isso, escreve Fédida: “A necessidade de viver essa experiência é equivalente (nas psicoses) ao que pode ser a necessidade de rememorar na análise dos psiconeuróticos”²⁰.

No trabalho sobre “Uma essencial dissimetria na psicanálise”, Fédida mostra que a angústia de destruição de si e de desmoronamento dos estados depressivos confirmam uma “propensão à agarrar-se à simetria (tanto a objetos reais quanto simbólicos) e à consciência concomitante de que ela é sintoma”. A supervisão leva a reconhecer um risco simetrizante entre o analisando e eu na situação: o estado de letargia do

analisando fazendo apelo à minha resposta contratransferencial: “sinto que tenho que dizer algo para que o paciente não caia imediatamente no sono”. “O estado letárgico é um estado de pseudo-sono sem representação interna e onde nada pode ser dito ao paciente, quando ele desperta. Estado letárgico ou, de algum modo, anulação do psíquico por sua própria violência?”²¹ Nessa situação, o supervisor insiste: “É preciso que ele aprenda a ler a vida psíquica”.

entamente boa”. A tentação exercida pelos ideais psicoterápicos tende a exacerbar-se diante de situações em que há intensa angústia, lembrava ele.

É preciso que o desmoronamento das resistências na minha escuta dê lugar ao que já se presentifica na situação transferencial: a catástrofe dessa constituição fragilíssima de vida psíquica a buscar na situação transferencial uma possível integridade num outro suporte das condi-

A ação analítica é assim formulada: “Eu dou alguma coisa ao meu paciente se lhe dou a possibilidade de ler vida psíquica em mim.”

“É preciso que ele aprenda a ler a vida psíquica” quer dizer: é preciso trabalhar para que do silêncio a metáfora tome corpo de palavra analítica? Quer dizer: entregar-me regressivamente ao silêncio onde em que *nada acontece*, à travessia do estado de fascinação simétrica que me mantém presa de meus sentimentos contratransferenciais: a “pena” formada da identificação a uma cena em que me deixo tomar pelo ausente, outro especular da criança precocemente órfã, capturada pelas representações do desamparo onde a angústia força o movimento reparador: “*mãe sufici-*

ções do reconhecimento – *legibilidade* – das formas de si. O silêncio é lugar de cuidado intensivo da *doença* autocrática dessa fala (sem sonho) desligada de suas fontes auto-eróticas.

Reanimar essa *matéria frágil do infantil* seria deixar ao paciente a possibilidade de aprender a ler, a perceber as emoções nas reações da analista, numa possível reconstituição da frágil membrana auto-erótica de um sonho que possa vivificar a fala. A ação analítica é assim formulada: “Eu dou alguma coisa ao meu paciente se lhe dou a possibilidade de ler vida psíquica em mim”. A me-

táfora do espelho, tão finamente elaborada em “Uma essencial dissimetria na psicanálise”, está vivamente presente. “É preciso ser neutro, mas também refletir, dar a ler”, insiste Fédida. “Ele tenta ler sensações, alguma coisa sobre o corpo da analista, não necessariamente emoções eróticas, mas são emoções.”

Contudo, a atividade receptiva capacitada a oferecer os reassuramentos necessários – assentados nesse terreno subterrâneo “onde

ferência deve, ao mesmo tempo, ser o suporte da condição de um irrepresentável da fala, exigindo a dissolução do espelho de representações. A temporalidade aí implicada pela metáfora do espelho servindo à simbolização da ausência, suporte do ouvir, envolve a articulação entre duas temporalidades: “a da criação pulsional inconsciente e a da ruptura”²³, ou seja, apoio do funcionamento arcaico da transferência (membrana de recepção: “aquela

presença maciça de acontecimento no interior da linguagem: “assassinato de linguagem que subtrai, até do apelo de seu grito, a fala”²⁵. Esse acontecimento não é passível de ser abordado, pelos recursos de objetivação da fala. Essa questão insiste ao longo da discussão clínica. “A fantasia de assassinar uma mulher é a fantasia de dar vida a uma mulher.” Mas a violência aí implicada não se deveria traduzir numa idéia de agressividade²⁶ posta entre objetos tal como a minha fala supunha: “se eu estivesse morta... como imaginou a M.?”

O acontecimento da sexualidade, propôs Fédida, é, de certo modo, “o contrário de um acontecimento”²⁷. Seu momento constitutivo auto-erótico, intervalo espacial e temporal entre corpos, faz-se virtualidade de linguagem. A ordem desse acontecimento não é redutível à de uma “relação transferencial” representável entre o analisando e o analista. Esse intervalo esboça-se na oscilação: “ele tem medo de ficar sozinho com a analista” / “ele começa a sonhar na presença da analista”. O silêncio a ser conquistado pela analista permitiria a construção de um *intervalo disjuntivo*²⁸ no interior da intensa angústia que a fobia do psíquico transforma em sonolência e falatório.

O desmoronamento, que se presentifica *integralmente* na transferência, como Fédida deixa bem ver: na truculência vazia do falatório e na letargia diante do terror do outro arcaico na transferência (“ele tem medo de ficar sozinho com a analista”), toma corpo na situação vivida na sessão. O desmoronamento está na precariedade de sustentação simbólica que faz da analista, no intolerável do intervalo entre a fala e a escuta, potência de aniquilamento. Fédida dá lugar ao desastre psíquico em sua imensa presença desvelada na situação transferencial já lá, na ambigüidade vivida pela analista: “Quando você começou a apresentar esse trabalho, eu fui sensível à grande angústia do paciente na situação analítica. Ele lhe diz:

O desmoronamento
está na precariedade de
sustentação simbólica que
faz da analista, no
intolerável do intervalo
entre a fala e a escuta,
potência de
aniquilamento.

movimentos de vida podem começar” – é inseparável da necessidade de “assegurar a integridade da condição paterna”. A condição especular da presença exigida como sustentação da vida psíquica do paciente capaz de receber os funcionamentos de identificação projetiva – “esse modo como ele nos comunica que ele está com você, que ele vem para que você contenha tudo isso, sobretudo para que ele não desapareça, não exploda, não se torne louco ao se abandonar aos seus devaneios” – de uma superfície receptora (pré-especular²²) da estrutura de funcionamento arcaico na trans-

que recebe toda essa pornografia de *grand guignol*”) e intervalo para ouvir: subtração da fascinação simétrica da contratransferência.

*Metapsicológico é o trabalho elaborativo do silêncio como atividade de construção no tratamento, de formação da modalidade temporal da interpretação*²⁴, *resguardando contra o terrorismo da interpretação: agarrar-se às teorias em busca da realização de conteúdo pela representação do acontecimento traumático. É preciso pensar que nada acontece numa análise para alcançar a escala temporal em que o desmoronamento materializa sua*

'deixe-me as minhas fantasias de assassinar a mulher grávida, todas as fantasias sexuais, eu me agarro a isso' e, ao mesmo tempo, ele pode inventar de modo notável uma sonolência para se proteger da angústia intensa da situação e, ainda, nele apagar uma vida psíquica muito intensa provocada pela sessão”.

A ótica silenciosa instaurada na supervisão toma o tempo da constituição da fantasia em que se enraíza a escuta, e não poderia sustentar-se na pressa do terrorismo interpretativo. A fantasia é o fundamento da atividade teorizante do analista, insistiu Fédida. Sua materialidade não é somente a de uma produção do paciente: “ela procede essencialmente da capacidade alucinatória do analista na forma hipnóide de sua atenção (flutuante), inclusive na vivacidade física das palavras da interpretação”²⁹. Assim, na sua conferência sobre a ótica da fantasia³⁰, atento “ao esvaziamento da noção de situação analítica por uma teoria simplificada da fantasia” leva ao extremo a intuição de Daniel Lagache sobre a *desrealização constitutiva da situação analítica* indo na direção do sentido desse *humano informe da fantasia*. Nessa intervenção, Fédida parte de uma elucidação do dispositivo da situação analítica, definindo-a como *operação fantasmática da atividade de interpretar*. o *acontecer* do psíquico “inerente à fala na sessão não seria objetivável pelo conteúdo de uma representação. E ele deveria ainda menos fechar-se sob a forma psicológica do enunciado do produto psíquico que chamamos ‘uma fantasia’”³¹. (...) E prossegue: “Melhor do que o sintoma, a fantasia seria portanto o aspecto pelo qual o auto-erotismo se desliga da sedução exercida pelos corpos reais. A *pureza sexual da fantasia* determina a visualidade em que os corpos se irrealizam”³².

“Super-visão” com Pierre Fédida: construção da “visão desta carne que sofre e que podemos designar como o *arcaico*”³³, *visão da materia-*

lidade do psíquico restituída pelo testemunho da regressão transferencial do paciente *em estreita relação com a vida psíquica do analista*. Trabalho subterrâneo de reanimação dos tempos perdidos/conservados nos vestígios recolhidos pela atividade silenciosa de perlaboração na escuta. Silêncio poderia ser então a margem – *intervalo* – dada a palavra, subtraída das intencionalidades da comunicação, para que ela reencontre nos recursos da elaboração de sua matéria – *de sua pureza auto-erótica* – a vivacidade física do dizer. ■

NOTAS

1. “Um divã e uma poltrona. Jean-Marc, menino, pergunta qual é meu ofício e por que ‘a gente grande deita-se para falar’. Diante da hesitação de uma resposta, ele diz o que é: ‘Ah sim, quando a gente deita e chupa o dedo, conhece melhor as suas vidas’”. P. Fédida, “Le conte et la zone de l’endormissement” in *Corps du vide et espace de séance*, Paris, Éditions Universitaires Jean Pierre Delarge, 1977, p. 155.
2. Trecho de supervisão com Pierre Fédida.
3. A expressão de Fédida é: “*une pensée de réveil*”. *Le concept et la violence*, Paris, Union Générale des Éditions (10/18), 1977.
4. Diz Fédida: “Nesse mesmo momento, quando a Sandra apresentou esse trabalho, acreditei ter sentido as modalidades de contato subterrâneas que ela tem com seu paciente, as modalidades de comunicação subterrâneas, pela maneira de recebê-lo, pelo olhar, pela presença ante ele. Isto é, de trazer por sua própria presença certas garantias de apaziguamento onde a vida psíquica poderia começar”.
5. P. Fédida, “Substance informe”, in *Par où commence le corps humain. Retour sur la régression*, Paris, PUF, 2000, p.107.
6. Na SBPSP, publicada pelo *Jornal de Psicanálise*, v. 32, n. 58/59, 1999.
7. P. Fédida, *Par où commence le corps humain*, op. cit., p. 3.
8. “É claro que a instauração da situação analítica com um paciente depende muito amplamente — assim como fazia notar M. Little, de acordo com Winnicott e Balint — da capacidade do analista de se entregar da maneira mais intensa e mais forte às condições alucinatórias (no sonho ou na fantasia)”. *Jornal de Psicanálise*, op. cit., p. 89.
9. P. Fédida, “La régression”, in *Le site de l'étranger*, Paris, PUF, 1995.
10. P. Fédida, “Substance informe”, in *Par où commence le corps humain*, op. cit., p. 107.

11. P. Fédida, *Par où commence le corps humain*, op. cit., p. 9.
12. Em português temos duas palavras: “material” e “matéria” enquanto no francês há três: “*matière*”, ou seja, “matéria”: substância; “*matériel*”, “material”: o conjunto de objetos necessários a uma atividade: equipamento, ferramenta e “*matériau*”, “matéria”: matéria que serve a fabricação ou à elaboração (em sentido figurado).
13. P. Fédida, *Par où commence le corps humain*, op. cit., p. 9.
14. Cf. “La psychanalyse n’est pas un humanisme”, in *L’Écrit du temps*, n. 19, 1988, traduzido em *Nome, figura e memória*, São Paulo, Escuta, 1992.
15. O *logos* que sustenta o pensamento da análise deriva da herança heraclitiana. Fédida, na sequência de Lacan e Heidegger retoma o particularmente em “La table de l’écriture”. Discuto as implicações dessa posição na escuta e escrita analíticas em: S. Schaffa, “Escrever, escutar”, in *Jornal de psicanálise*, v. 35, n. 64/65, São Paulo, 2002.
16. P. Fédida, “Il ne se passe rien”, in *L’Inactuel*, no. 7, Paris, Calmann-Lévy, 1977, p. 34.
17. Escreve Fédida: “Seremos levados a dizer, em resumo, que o *contra* da contratransferência toma *originalmente* sentido da *resistência* à descoberta da transferência e ao seu reconhecimento (são dois momentos distintos e articulados da resistência)”, “Topiques de la théorie”, in *L’Absence*, Paris, Gallimard, 1978, p. 288.
18. P. Fédida, “A construção do caso”, in *Nome, figura e memória*, op. cit.
19. D. Winnicott, “Fear of breakdown”, *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, II, 1975, Gallimard, Paris.
20. P. Fédida, “O vazio da metáfora e o tempo do intervalo”, p. 9, in *Depressão*, São Paulo, Escuta, 1999.
21. P. Fédida, “L’oubli du meurtre dans la psychanalyse”, in *Le site de l'étranger*, op. cit., p. 46.
22. Isto é, antes do estágio do espelho: “No momento da assunção jubilatória da imagem de si, como diz Lacan, já existe um outro, um olhar — outro, que está por trás como se a constituição desta sexualidade humana obedecesse a uma estrutura especular muito precocemente engajada na criança”, In “A doença sexual: a intolerável invasão”, *Nome, figura e memória*, op. cit., p. 103.
23. P. Fédida, “L’intervalle”, in *Corps du vide et espace de la séance*, op. cit., p. 142.
24. Em sua conferência em São Paulo, em 1994, Fédida insistiu nesse ponto: “Talvez bastasse lembrar aqui que o analista — submetido como é à intensidade do material psíquico do paciente — deva por sua vez se dar os meios de se deixar transformar por este material e de fazer trabalhar a linguagem em vista da metabolização deste material”, *Jornal de psicanálise*, op. cit., p. 342.
25. P. Fédida, “L’oubli du meurtre dans la psychanalyse”, in *Le site de l'étranger*, Paris, PUF, 1995, p. 27.
26. O conceito de agressividade, discute Fédida em seu texto sobre “O esquecimento do assassino na psicanálise”, presta-se geralmente ao disfarce do *hostil* e a abafar o ódio da transferência.
27. P. Fédida, “A doença sexual: a intolerável invasão”, in *Nome, figura e memória*, op. cit., p. 94.
28. É esse o sentido operativo metapsicológico do conceito de castração. Essencialmente, “referencial de tudo o que é simbolicamente marcado pelo intervalo do ouvir na fala”, “L’intervalle”, in *Corps du vide et espace de la séance*, op. cit., p. 141.
29. P. Fédida, *Par où commence le corps humain*, op. cit., p. 7.
30. P. Fédida, “De l’optique du fantasme”. In *Le fantasme: une invention?*, Entretiens Psychanalytiques de l’Association Psychanalytique de France, 1999.
31. P. Fédida, “De l’optique du fantasme”, op. cit., p. 19.
32. P. Fédida, “De l’optique du fantasme”, op. cit., p. 22.
33. P. Fédida, “A psicoterapia na psicanálise hoje”, in *Jornal de psicanálise*, op. cit., p. 89.